



Saúde e Educação

Victor Vicent Valla (org.)
Eymard Mourão Vasconcelos
Mônica Peregrino
Lana Cláudia de Souza Fonseca
John L. McKnight

Educação e saúde do ponto de vista popular

*Victor Vincent Valla**

Alguns anos atrás, José Luís Corrágio esteve com alguns de nós num debate sobre pesquisa e classes populares. Nosso entendimento da discussão que foi travada resultou na criação do seguinte termo: “investigação científica do ponto de vista popular”. Era uma definição que estávamos procurando tanto na Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz quanto no Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, e no Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (CEPEL).

O que seria a “investigação científica do ponto de vista popular”? Trata-se de buscar realizar a pesquisa através dos métodos e instrumentos científicos mais adequados, porém à luz do olhar das classes populares, isto é, “os homens pobres e humildes que vivem na periferia das cidades brasileiras”. Todos os autores dos capítulos deste

* Professor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e da Faculdade de Educação (mestrado) da Universidade Federal Fluminense (UFF); é presidente do Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina (CEPEL).

livro, de uma forma ou de outra, participam desta perspectiva de investigação, e fazem parte de um grupo de pesquisadores e profissionais de saúde e educação que cresce a cada dia, no Brasil. Certamente, para fazer face à maioria dos jornais e emissoras de televisão, que nos informam cada vez menos sobre as condições de vida de 80% das pessoas, que sobrevivem com muita dificuldade, e sobre os efeitos das políticas neoliberais do Governo Federal e da maioria dos Governos estaduais e municipais. Mas também, para fazer face aos governantes, que, diariamente, nos mostram como a dívida externa não está crescendo tão rapidamente quanto eles imaginavam ou como o dólar não ultrapassou ainda o marco previsto. Entretanto, não nos mostram o grau de fome, que, nas palavras de uma moradora de favela, “devora nosso povo”, ou a cesta básica mensal, que dura apenas 12 dias.

O Professor John L. McKnight não sabe que também faz parte do grupo “do ponto de vista popular” e que, mais do que isso, é em parte, inspirador deste grupo de pesquisadores juntamente com Simone Weil, Paulo Freire, Marilena Chauí, José de Souza Martins e José Luís Corrágio.

Dois exemplos para ilustrar o que é “do ponto de vista popular” nos serviços públicos. O primeiro é de um técnico que visita um povoado no interior do país onde a doença de chagas é endêmica. O técnico conversa com as lideranças da comunidade e ensina a identificar o barbeiro. Borrifa todas as casas e pede que na próxima visita, aqueles moradores que ainda perceberem o barbeiro nas suas casas, o avisem. Em sucessivas visitas, todos os moradores falam que há barbeiros nas suas casas. O técnico fica confuso e frustrado, até que uma noite, no bairro, uma liderança revela que quando os moradores



ficam sabendo que o técnico visitará a comunidade, saem à procura de barbeiros para colocar em suas casas, garantindo, dessa forma, uma “dedetização” completa contra os barbeiros, mas também contra as aranhas, mosquitos e moscas.

O segundo exemplo trata do “ponto de vista do governo” e “do ponto de vista popular” através do serviço de água da CEDAE, Companhia Estadual de Água e Esgoto do Rio de Janeiro. O discurso oficial apresenta um serviço público que distribui água de padrão internacional cujo volume *per capita* é o maior do país, e com uma rede de ligações, que chega a 95% das residências do Estado do Rio de Janeiro.

A investigação do ponto de vista popular que foi realizada, revelou que um grande número de residências nas favelas da região da Leopoldina (Rio de Janeiro) recebe água apenas de oito em oito dias, e por um período

de quatro a cinco horas. Há famílias que já ficaram mais de cinco meses sem receber água, e é comum, durante o verão, a entrada de água de quinze em quinze dias.

Há moradores que nasceram nessas favelas do Rio de Janeiro e que vivem esse quadro há mais de trinta anos. Um morador ficou tão desesperado que fez com que a calha da sua casa fosse virada para dentro da caixa d'água, captando, dessa forma, a água da chuva, que ele denominou "CEUDAE".

O fato de a água ser entregue uma vez ou duas vezes por semana faz com que os moradores sejam obrigados a guardá-la em latões, locais ideais para a criação do mosquito da dengue, e potencialmente, o da febre amarela. Quando a água "cai" de madrugada, por não terem onde guardar um volume de água entregue por cinco horas contínuas, os moradores são obrigados a fazer a faxina nas suas casas e lavar sua roupa imediatamente, sofrendo, assim, mais um desgaste através da perda do sono.

Este livro busca continuar essa caminhada, questionando as relações e interpretações dos professores com os alunos nas salas de aula, dos profissionais com os usuários nos postos de saúde, das lideranças religiosas com os fiéis, dos mediadores com os grupos populares organizados. Neste sentido, estamos questionando nossos "pre-conceitos" e nossas categorias previamente elaboradas com relação aos "pobres e pouco escolarizados", na perspectiva de que "a crise de interpretação é nossa".